

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**A AFETIVIDADE E SUA IMPORTÂNCIA PARA A
APRENDIZAGEM**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Laís Borges da Silva

TIO HUGO

2011

A AFETIVIDADE E SUA IMPORTÂNCIA PARA A APRENDIZAGEM

por

Laís Borges da Silva

Monografia apresentada ao Curso de Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Gestão Educacional**.

Orientador (a): Prof^ª. Ms. Izabel Cristina Uaska Hepp

Tio Hugo, RS, Brasil

2011

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-graduação em Educação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Monografia de
Especialização

A AFETIVIDADE E SUA IMPORTÂNCIA PARA A APRENDIZAGEM

elaborada por:
Laís Borges da Silva

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a Ms- Izabel Cristina Uaska Hepp – (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Prof^a Ms Clarice Zientarski – (UFSM)

Prof^a Ms- Alexandra Silva dos Santos Furquin – (UFSM)

Tio Hugo, novembro de 2011.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus, pela oportunidade que me lançou nas mãos de poder realizar esse curso.

À minha professora orientadora, Izabel Cristina Uaska Hepp, pelas orientações, paciência, dedicação e ao incentivo que me deu forças para que tornasse possível a conclusão desta monografia.

A professora Fernanda Gabriela Soares dos Santos que também contribuiu para o desempenho de meu trabalho.

A escola, que me colocou a disposição suas dependências para que eu realizasse minha pesquisa.

A minha família, mãe, pai e meu irmão, que sempre me deram forças para que estudasse e conseguisse realizar mais este sonho, que com certeza não é só meu, mas sim de todos nós.

Ao meu noivo Fabio, que desde o primeiro momento que soube que fui selecionada para fazer essa pós-graduação me incentivou, mesmo sabendo que iríamos ter que deixar de lado por algum tempo outros sonhos nossos.

E em especial minha tia Eva, que sempre esteve ao meu lado para me ajudar, embasar e enriquecer meu trabalho, pois passou horas e horas, me ajudando e me fazendo compreender da melhor forma o que estava sendo estudado para que eu tivesse o melhor resultado.

A Casa Pretto, atualmente meu local de trabalho, o meu muito obrigado pelas horas que precisei me afastar para poder concluir meu curso.

A todo o pessoal do pólo de EAD da cidade do Tio Hugo que sempre que precisei tentaram me ajudar a resolver os questionamentos burocráticos do curso.

E de uma forma geral a todos aqueles que de uma ou outra forma me ajudaram para que eu conclua- se meu trabalho só tem que dizer muito obrigado por tudo.

RESUMO

Monografia de Especialização
Programa de Pós-Graduação a Distância em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

A AFETIVIDADE E SUA IMPORTÂNCIA PARA A APRENDIZAGEM

Autora: Laís Borges da Silva

Orientadora: Prof^ª Ms Izabel Cristina Uaska Hepp

Tio Hugo, 17 Novembro de 2011.

Este trabalho de final de curso se propôs investigar a importância do afeto na aprendizagem. O problema que perpassou a pesquisa foi: a afetividade é fundamental para formação emocional e cognitiva da criança? O objetivo geral da pesquisa foi: Verificar como os gestores escolares podem contribuir para o desenvolvimento da formação afetiva influenciando positivamente a aprendizagem da criança. Teve como objetivos específicos: refletir sobre a importância do desenvolvimento afetivo no período da infância em seus diferentes estágios; analisar a importância dos gestores escolares no desenvolvimento da dimensão afetiva para a aprendizagem; investigar quais as consequências da ausência do afeto no desenvolvimento da criança. Para tanto utilizou-se a pesquisa bibliográfica, e de campo, sendo que para a coleta de dados da pesquisa qualitativa os sujeitos investigados, professoras da rede Estadual de ensino do município de Soledade/RS responderam um questionário e a análise dos dados coletados apontam que o afeto é à base de tudo: do desenvolvimento e da aprendizagem, afetividade e cognição andam juntas. Tudo se inicia na família que é um conjunto de emoções tanto positivas como negativas, as quais contribuem para o desenvolvimento intelectual e afetivo da criança. Para que haja aprendizagem a criança precisa criar laços afetivos com o objeto do saber e os sujeitos da aprendizagem. A falta de afeto pode criar um bloqueio na aprendizagem, uma menor auto-estima, insegurança e agressividade, que nada mais é do que um sintoma reativo do “abandono” precisando ser trabalhado com amor, carinho e respeito.

Palavras-chave: Gestão escolar, Educação, Criança, Afetividade.

ABSTRACT

SUMMARY

Monograph of Specialization
Program of After-Graduation in the distance in Education
Federal University of Saint Maria

THE AFFECTIVITY AND ITS IMPORTANCE FOR THE LEARNING

Author: Laís Borges Da Silva Person who orientates:

Prof^a Ms Izabel Cristina Uaska Hepp

Uncle Hugo, 17 November of 2011

This work of course end if considered to investigate the importance of the affection in the learning. The problem that perpassou the research was: the affectivity is basic for emotional and cognitiva formation of the child? The general objective of the research was: To verify as the pertaining to school managers they can positively contribute for the development of the affective formation influencing the learning of the child. It had as objective specific: to reflect on the importance of the affective development in the period of infancy in its different periods of training; to analyze the importance of the pertaining to school managers in the development of the affective dimension for the learning; to investigate which the consequences of the absence of the affection in the development of the child. For in such a way it was used bibliographical research, and of field, being that for the collection of data of the qualitative research the investigated citizens, teachers of the State net of education of the city of Soledade/RS had answered a questionnaire and the analysis of the collected data point that the affection is to the base of everything: of the development and the learning, affectivity and cognition walk together. Everything is initiated in the family who is a set of positive emotions as in such a way negative, which contributes for the intellectual and affective development of the child. So that she has learning the necessary child to create affective bows with the object of knowing and the citizens of the learning. The affection lack can create a blockade in the learning, a lesser one auto-esteem, unreliability and aggressiveness, that nothing more is of what a reactive symptom of the “abandonment” needing to be worked with love, affection and respect.

Words - key: Pertaining to school management, Education, Child, Affectivity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 DESENVOLVIMENTO AFETIVO NAS TRÊS INFÂNCIAS.....	10
1.1 Primeira Infância	10
1.2 Segunda Infância	13
1.3 Terceira Infância.....	14
2 GESTÃO ESCOLAR E O DESENVOLVIMENTO DA DIMENSÃO AFETIVA NA APRENDIZAGEM.....	18
2.1 A importância dos gestores escolares no desenvolvimento da dimensão afetiva na aprendizagem.....	18
3. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA PESQUISA: PROCEDIMENTOS PARA INVESTIGAR A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM	21
3.1 Definindo a Pesquisa	21
3.2 Pesquisa Bibliográfica	21
3.3 Pesquisa de Campo	22
3.4 Local e Sujeitos da Pesquisa.....	22
4 ANALISANDO AS CONSEQUÊNCIAS DA AUSÊNCIA DO AFETO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E POSSÍVEIS INTERVENÇÕES	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

INTRODUÇÃO

Sabemos que somos frutos de uma relação afetiva, que o ser humano é movido por variadas emoções e que essas emoções constituem um fenômeno social, constituído de corpo e mente sentimento e espírito, dotado de uma dimensão social, que necessita educar-se ao longo da vida, desenvolver-se não apenas fisicamente, mas, sobretudo um crescimento interior, de auto-conhecimento para transformar sua realidade e também compreender a natureza do outro, condição para criar um mundo de paz, de alegria e felicidade.

Ao dirigir o foco de sua análise para a criança, Wallon (1995, P. 59.) revela que é na ação sobre o meio humano, e não sobre o meio físico, que deve ser buscado o significado das emoções.

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva (Wallon, 1995, P. 61).

A convicção de que a afetividade aplicada no contexto escolar pode facilitar a aprendizagem vem da idéia de que se constrói conhecimento a partir dos vínculos afetivos criados entre os objetos do saber e os sujeitos do processo de aprendizagem.

Conhecendo a realidade que nos cerca na atualidade e principalmente na Educação em constante transformação, procurou-se o entendimento da mesma e o desenrolar do processo no contexto ensino-aprendizagem. Ao educador compete o estudo e a formação constante para o aperfeiçoamento de seu trabalho didático. Verifica-se também, problemas comportamentais, alunos agressivos, famílias desestruturadas, crianças emocionalmente abaladas por conta de relações familiares complicadas e conseqüentemente problemas de aprendizagem. Cabe ao professor procurar meios de lidar com todas essas realidades. Apoiando-se no afeto, compreensão e diálogo, aspectos fundamentais para uma educação de qualidade.

A escola, como instituição social, representa o cenário institucional onde acontece o processo de ensino e aprendizagem, num espaço vivo de interação, onde professores e alunos entram em cena juntamente com toda comunidade escolar, numa relação onde aprender a viver junto exige a capacidade de administrar o conflito, as divergências e as diferenças.

Neste sentido, a abordagem escolhida enquanto norte para fundamentar este estudo são a afetividade e aprendizagem, pois, ambas estão interligadas, dependem das relações de um grupo, do diálogo e acima de tudo da ética e do respeito mútuo.

O problema que perpassou a referida investigação foi: a afetividade é fundamental para formação emocional e cognitiva da criança?

A partir do problema exposto, propõe-se como objetivo geral: verificar como os gestores escolares podem contribuir para o desenvolvimento da formação afetiva influenciando positivamente a aprendizagem da criança. A partir deste teve-se como objetivos Específicos:

- a) refletir sobre a importância do desenvolvimento afetivo no período da infância em seus diferentes estágios;
- b) analisar a importância dos gestores escolares no desenvolvimento da dimensão afetiva para a aprendizagem;
- c) investigar quais as consequências da ausência do afeto no desenvolvimento da criança.

Os sujeitos, marcados pela incapacidade de aproximarem-se do saber e do conhecimento, nos diversos níveis discursivos (da família, da escola, da sociedade), nos convocam a desenvolver este estudo. Essa concepção de educação exercida por meio da afetividade visa contribuir com a sociedade por meio da formação de sujeitos mais conscientes, mais humanos, mais inteiros, capazes de transcender esse discurso, embasado nos autores usados nas referências bibliográficas, contribuindo e sustentando esta pesquisa.

A estrutura deste estudo se constitui em quatro capítulos, sendo que no **primeiro** capítulo fizemos um estudo do desenvolvimento da afetividade e das emoções no período denominado de infância, sendo que este período é dividido em primeira infância onde os estudiosos demarcam entre 0 à 3 anos de idade relatando o desenvolvimento intelectual, afetivo e social decorrente da sua evolução motriz. Na segunda infância que é entre os 4 à 6 anos ocorre o faz – de - conta e o era uma vez. A criança é altamente fantasiosa e mágica. Na terceira infância que vai dos 7 aos 10 anos de idade é a fase onde ela procura encontrar respostas para suas inúmeras perguntas.

No **segundo** capítulo analisamos a importância dos gestores escolares no desenvolvimento da dimensão afetiva para a aprendizagem no período da infância em que acontecem os vínculos entre criança e professor, colegas e os objetos de conhecimento na escola.

O **terceiro** capítulo apresenta as considerações teóricas metodológicas da pesquisa qualitativa, onde foi usada a pesquisa bibliográfica e a de campo. Para a coleta de dados foi feito um questionário para um grupo de professores de uma escola estadual do município de Soledade/RS, Alcides João Gradashi.

O **quarto** capítulo traz a análise dos dados recolhidos com a pesquisa de campo, onde foram pesquisadas as consequências do afeto no desenvolvimento da criança e possíveis intervenções.

E finalizando o trabalho, as considerações finais e as referências bibliográficas.

1 DESENVOLVIMENTO AFETIVO NAS TRÊS INFÂNCIAS

Delas (crianças) esperamos que nos ofereçam a imagem de uma plenitude e de uma felicidade que não é, e nunca foi a nossa, mas graças à qual podemos amar a nós mesmos. Olhamos para elas como para uma foto de nossa infância onde queremos parecer felizes. E para isso as protegemos, cuidamos e satisfazemos. A criança é a caricatura da felicidade impossível: vestida de feliz, isenta das fadigas do sexo e do trabalho, idealmente despreocupada. (CALLIGARIS, 1994, p.6).

Segundo Amora (1997) criança significa “ser humano no período da infância, menino ou menina”.

É no período da infância que vai do 0 a 12 anos que acontece a maior parte do desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo do ser humano. Dentre estes três aspectos, focamos este capítulo no desenvolvimento afetivo durante a infância, período este, dividido pelos teóricos em três, denominados de primeira infância, segunda infância e terceira infância. (Freud, 1986, p.29)

1.1 Primeira Infância

A primeira Infância, demarcada pelos estudiosos entre 0 e 3 anos de idade, é caracterizada sobretudo pelo movimento, o espírito de aventura e descoberta, a necessidade de expansão, o egocentrismo e a fantasia.

A criança desta idade é uma explosão permanente de alegria e vivacidade. Todo o seu desenvolvimento intelectual, afetivo e social decorre da sua evolução motriz. Tanto a sua adaptação ao ambiente quanto seu auto-ajustamento está ligado basicamente ao seu desenvolvimento motor.

Aos seis meses, quando a criança passa a sentar-se sozinho, o mundo toma para ela uma nova configuração. Tudo ela pega nas mãos e tudo leva à boca para experimentar, perceber e sentir a textura, o volume, a forma, a cor. (Freud, 1986, p.38)

As relações afetivas e sociais também são altamente caracterizadas por esta fase oral e motriz de conhecimento do mundo. As manifestações afetivas não só para com a mãe, mas para com todas as outras pessoas ocorrem através de gestos e atitudes motrizes de agrado e

desagrado, surpresa e medo. Esta primeira fase de diferenciação das emoções é também conforme observações de Freud (1986, p. 42) a primeira fase de desenvolvimento da sexualidade humana, nitidamente marcada pelos prazeres orais.

Entre doze e quinze meses, o mundo é para a criança um fantástico e fascinante brinquedo que, agora, já capaz de andar, ela explora com desassomburada alegria. Galvão (1995, p. 37)

Aos dois anos, a criança mostra apreciável coordenação motora, seus movimentos são firmes e acha-se sempre em permanente atividade e movimento. Ainda não tem perfeito controle sobre os esfíncteres, é altamente egocêntrico, embora seja capaz de participar de pequenos grupos infantis. Galvão, (1995, p. 42)

É nesta idade que as crianças descobrem a existência do seu sexo e, intuitivas como são, orgulham-se de sua singularidade, comportam-se como indivíduos separados e autônomos, reconhecem a autoridade adulta a contragosto e aprontam já aos dois anos, a primeira crise de oposição ao mundo adulto. Esta fase, chamada de anal por Freud (1986, p. 49) corresponde ao segundo estágio de desenvolvimento da sexualidade humana.

Ainda nesta idade a criança expressa vontade e impulsos possessivos em suas relações, com os adultos e insiste em seus próprios direitos. Galvão (1995, p. 56)

Para Piaget (1983, p. 40) “A primeira moral da criança é a da obediência e o primeiro critério do bem é durante muito tempo, para os pequenos, a vontade dos pais.” Assim, a moral da primeira infância depende de uma vontade externa. As crianças deveriam criar suas regras externas, quando pudessem construí-las por sua própria vontade. No entanto, o que acontece é que as regras morais chegam até as crianças através da autoridade dos adultos, que lhe solicitam obediência. (Piaget, 1983, p. 84)

Uma criança de quatro anos não tem condições de construir regras morais por sua própria iniciativa. No entanto, os adultos que lhe dão suporte nesta fase, podem auxiliá-la nesta tarefa. (Piaget, 1983, p. 86)

O bebê no seu egocentrismo não distingue nenhum sentimento ou vontade que não esteja relacionado a si mesmo. Aos poucos, ele percebe que o outro possui desejos diferentes do seu, mas ainda não é capaz de abrir mão de suas próprias vontades. Por exemplo, quando se solicita a uma criança que divida o seu brinquedo, ela apenas atende a esta solicitação em função de uma regra imposta pelo adulto. Ou seja, se ela atende a este pedido, do ponto de vista psicológico, ela não está compartilhando o brinquedo, mas apenas acatando a uma obediência e desistindo do mesmo. (Freud, 1986, p. 41)

Quando uma criança entrega espontaneamente um brinquedo à outra, o seu desejo de manter uma boa relação é maior que a sua vontade de ficar com o brinquedo. (Freud, 1986, p. 41)

O desenvolvimento da autonomia deve ser baseado no respeito entre todas as partes, onde cooperação não pode estar relacionada com obediência. Uma criança só tem condições de desenvolver sua autonomia, quando o adulto reduz o seu poder, evitando a desigualdade que pode existir entre o “mais forte” e o “mais fraco”. Piaget (1983, p. 32), e ainda coloca que:

O desenvolvimento ocorre pela diferenciação e coordenação de esquemas. Indivíduos devem também tornar-se verdadeiramente diferenciados de outros. Na medida em que um indivíduo pode escolher e decidir, ele tem a possibilidade de cooperar voluntariamente com os outros e construir seu próprio sistema moral de convicções. Por outro lado, na medida em que ele não se permite escolher e decidir, ele estará apto somente a seguir à vontade dos outros.

Apesar de insistir na importância de permitir a criança escolher e decidir, Piaget (1983, p. 36) reconhece que não pode haver uma liberdade sem limites e que os pais precisam ter consciência das necessidades e das formas de “coagir” a criança, para que a mesma possa viver em sociedade. Diante de regras consideradas imprescindíveis para as crianças, os adultos utilizam sanções, as quais, ao serem aplicadas, devem ter um mínimo de lógica, entre o ato que será punido e a punição escolhida.

A criança aos três anos de idade, vive penoso conflito causado pela sua dependência dos pais, indivíduos que ama, porém aos quais opõe resistência e dos quais deve defender-se para fazer prevalecer seus pontos de vista. A criança está tão profundamente imersa em si mesma que não pode sequer perceber o tempo. Ela não pensa nem pode admitir que as coisas e as pessoas existam há muito tempo, e que a existência começou antes dela própria ter nascido. Nada que não faça parte da sua experiência pode ser adequadamente aprendido por ela: nem fatos, nem acontecimentos, nem pessoas (Piaget, 1983, p.45).

1.2 Segunda Infância

Segundo a Revista Realidade, Editora Abril, São Paulo, 1973, esta fase ocorre entre os 4 aos 6 anos, e são anos vividos magicamente. As associações fluem com facilidade e ocorre uma verdadeira explosão de atividades motoras, verbais e mentais. Com freqüência, uma criança que brinca sozinha dá impressão de estar acompanhada de vários outros, tal a mobilidade e a algazarra ouvida à distância.

Os porquês denunciam associações e expectativas extraordinárias. Os argumentos são profundamente inteligentes e emocionais. As estórias infantis, a música e o desenho tem durante toda a infância especial importância na formação geral do ser humano e atuam como instrumentos de terapia, justamente por causa da acentuada sensibilidade dos primeiros anos. (Piaget, 1983, p.48)

Nesta época surge o verdadeiro sentimento estético. As crianças gostam de tudo quanto é rítmico, adora contos e aventuras e sente especial prazer em desenhar. Assombrada com tudo em que vê ao seu redor e muitas vezes traumatizada pelas autoridades dos pais e pela televisão que invadiu o lar com programas e notícias de violência, morte e dor, a criança necessita das atividades artísticas para manter sua saúde mental intacta. (Piaget, 1983, p. 48)

“O “faz -de- conta” pode ser a própria realidade infantil e o era uma vez” constituísse num poderoso processo de identificação capaz de eliminar parcial ou conflitos e frustrações. (Piaget, 1983, p.51)

Aos cinco anos fortemente conscientes do poder e da atuação das pessoas sobre ela, a criança manifesta um desejo imenso de expandir o próprio mundo. Ainda predominantemente egocêntrica, ela já experimenta prazer em agrupar-se, embora não manifeste espírito gregário. (Piaget, 1983, p. 53)

A criança desta idade altamente fantasiosa e mágica confere vida, movimento, alma, vontade e poder a todas as coisas do universo. Os animais, as árvores e os objetos andam, falam, cantam, dançam têm poderes ilimitados e características humanas.

O final da segunda infância é marcado por uma verdadeira rebelião. Agressiva, exigente, teimosa, reivindicatória, e crítica, apresenta acentuada independência física e mental e, como decorrência, deseja e luta energeticamente pela autonomia dentro do lar. (Buehler, 1967, p. 27)

Afetivamente sua dependência dos pais é total. Fora de casa, participa efetivamente do seu grupo de amigos, é acentuadamente convencional, revela impulsos para associação, o pensamento é bastante socializado e não gosta de estar só (Buehler, 1967, p.27).

Aos seis anos, a criança é capaz de estabelecer de casualidade mais próxima da realidade (“a chuva acontece quando as nuvens escurecem e ficam muito pesadas”) e o seu sistema motor está perfeitamente coordenado.

Está é uma idade de extrema curiosidade, movimento e sintonia com o mundo. A criança quer saber tudo sobre tudo. Os porquês aparecem novamente, agora com real interesse em compreender a essência das coisas. É justamente por isso neste momento que a criança é capaz de aprender melhor os detalhes e de dirigir a atenção para determinados objetivos por mais tempo. Denota perfeita coordenação visual e auditiva, sua memória e imaginação estão bastante desenvolvidas, a capacidade de pronunciar as palavras é perfeita e já apresenta a necessária maturação para aprendizagem da leitura e da escrita.

Emocionalmente, a criança, agora bastante reflexiva, define com clareza o seu lugar no mundo e também os dos outros em relação a ela própria. Aberta à socialização e predisposta a interagir com os outros, ajusta-se às expectativas familiares, incorpora as regras sociais, usa da linguagem para comunicar suas idéias e influenciar seus companheiros, desenvolver sentimentos de moralidade e formar idéias genuínas sobre o universo. Pela primeira vez, ela opta por si mesma com a mais absoluta consciência.

1.3 Terceira Infância

Nesta fase que é dos sete aos dez anos de idade, a escola constitui o espaço vital da criança. Neste ambiente ela busca e espera encontrar respostas para suas inúmeras perguntas a respeito do qual ela já desenvolveu extraordinárias idéias. É na escola que ela também espera achar motivos para alimentar seu espírito de investigação e é nela que vai procurar a seiva necessária ao incremento de sua imaginação e poder criador. (Piaget, 1959, p. 40)

Contudo a criança não se ocupa, nesta fase, apenas com os interesses intelectuais. Ela tem uma profunda e apaixonante motivação: As outras crianças, os outros seres humanos, a

busca do afeto agora não mais um acontecimento passivo em sua vida, mas uma conquista sua, intencional e empreendida por ela própria. (Piaget, 1959, p. 42)

E se a escola de Ensino Fundamental assume grande importância no que tange ao desenvolvimento intelectual, agora, constatando-se as expectativas afetivas e os motivos internos da criança para a socialização, a responsabilidade da escola elementar se eleva a nível extraordinário. (Piaget, 1959, p.42)

A admissão à escola é invariável seguida de inúmeras expectativas, não só da criança que conquista um novo “status”, mas também da família que prevê para ela e dela espera um amplo desenvolvimento intelectual. Estes fatos alteram a concepção que criança tem de seu próprio Eu. (Piaget, 1959, p.44)

Aos nove anos de idade em diante é o período do desembaraço e facilidade de se relacionar. Ela forma grupos (meninos, meninas). Descobrem que é membro da sociedade, não se dispersa ao término de um jogo ou brincadeira, tornando-se mais consciente, estáveis e homogêneas. (Piaget, 1959, p.44)

Nesses grupos se destacam os líderes e diminuem indivíduos de idades diferentes, criam clubes, melhoram o rendimento e as meninas apresentam maior maturidade. Há uma escolha e seleção dos membros conforme os reflexos da família. (Piaget, 1959, p. 45)

Nesta fase, a criança faz álbum de coleções, questionários, brincam de lojas, cuidam de bicicletas, falam a língua do P, escrevem cartinhas para os amigos. Por volta dos doze anos começam o espírito democrático. (Piaget, 1959, p.45)

Portanto a terceira infância é chamada a idade da socialização, sai da família e vai viver o mundo fora, ter novos amigos, outros objetivos. O Eu surge de uma forma diferente. (Piaget, 1959, p. 49)

Inicia-se ainda, os sentimentos morais que, segundo Pessoa (2000, p. 105).

...são dependentes de uma regra exterior, a vontade dos seres mais velhos, que são respeitados. Regras de conduta são colocadas, e a criança as aceita e reconhece por haver respeito unilateral: o respeito da criança ao mais velho, não sendo respeito recíproco. Quando o respeito se torna mútuo, os sentimentos morais serão autônomos e não mais impostos, porque a criança respeita o outro e é respeitada por ele, e compreendida em seus sentimentos.

Para Piaget (1983, p. 52) tanto o desenvolvimento intelectual, como o desenvolvimento moral da criança faz parte dos domínios do construtivismo, sendo que o

desenvolvimento moral é um processo de construção interior. Ao nascer, a criança não traz consigo as características de ser boa ou má e por isso o seu desenvolvimento moral é construído conforme adquira consciência de si mesma e dos objetos que estão ao seu redor.

Piaget, em seu livro sobre desenvolvimento do juízo moral (1983), inicia sua pesquisa pelos jogos e regras, dividindo a consciência das regras em três etapas, conforme o Quadro 1, na seqüência.

Consciência das Regras

ANOMIA	Fase em que a criança está centrada em si mesma, onde ela joga consigo mesma, sem compartilhar com o outro e sem conseguir seguir regras coletivas. Este período se prolonga até cerca dos seis anos.
HETERONOMIA	A criança ao assimilar que o outro também existe, também percebe a necessidade de regras, de hierarquia, de autoridade para participar de atividades coletivas. O dever moral, segundo Piaget, só é possível a partir desta fase, quando a criança inicia a construção do valor moral.
AUTONOMIA	Nesta fase, já adulta, o indivíduo pode optar pelas leis e regras para se integrar na convivência social.

Fonte: Piaget (1983, P. 59).

Para Piaget (1962, p.26) as crianças bem pequenas podem sofrer processos de coação, assim como as pessoas que ainda não conseguem ter autonomia e elaborar pensamento crítico sobre o universo no qual estão inseridas. No processo de desenvolvimento humano, as noções de justiça, os julgamentos e a lógica da legalidade começam a ser formadas desde a infância. Todavia, “é na juventude – quando as relações de cooperação, autonomia e construção de democracia se fazem presentes – que esses conceitos são aperfeiçoados” (Paula, 2007, p.71).

Piaget (1962, p.36) ao verificar a necessidade de impor sanções às crianças, estudou os tipos mais utilizados pelos adultos e discutiu dois tipos principais.

As sanções expiatórias apresentam como característica principal a coerção, sem que haja uma lógica entre a ação ocorrida e a punição. Dessa forma, a criança não internaliza a necessidade de mudar suas atitudes para evitar a punição. Quando isso acontece, o adulto diante de um castigo sem resultado, tende a aumentar o mesmo. Os resultados são difíceis de serem atingidos. Já, nas *sanções por reciprocidade*, a coerção é mínima e existe uma lógica

em relação à atitude a ser punida. A criança apresenta maior facilidade em aceitar, modificar ou realizar ações, quando consegue entender a razão das mesmas.

Para entender com mais clareza pode-se recorrer aos seguintes exemplos:

Privar a criança da sobremesa por ter rasgado os livros e fazê-la copiar cem vezes “eu não mentirei mais” são exemplos de sanções expiatórias. Não há relação lógica entre rasgar livros e ficar sem sobremesa. [...] Se uma criança rasga um livro, por exemplo, o adulto pode dizer Nós não teremos mais lindos livros se você os rasgar; assim, eu não posso deixar você usar livros até ser cuidadosa com eles. Quando você for cuidadosa, então você pode usá-los. (PIAGET, 1983, p.31).

Além desta relação “lógica”, sanções por reciprocidade têm a característica suplementar de não exigir da criança comportamentos que estejam além do seu foco de compreensão. (Piaget, 1983, p. 32)

Quando o adulto coloca a sua sanção de forma clara para a criança, ele estará usando apenas uma parte de seu poder, permitindo que ela possa agir de forma voluntária, criando as suas próprias regras morais. (Piaget, 1983, p. 36)

Para que a criança possa se desenvolver com autonomia, com estabilidade e apta para viver em sociedade, exercendo um papel ativo, é preciso que seja salvaguardado, o respeito mútuo entre adultos e crianças. (Piaget, 1983, p.36)

De acordo com Piaget (1983, p. 89) tanto o adulto como a criança sentem-se mais a vontade para obedecer, quando ao invés de receberem uma ordem, são solicitados ou convidados a realizar uma ação. Quando a ordem é substituída por um pedido, fica subentendido uma relação de respeito e uma desigualdade no que se refere ao poder exercido.

2 GESTÃO ESCOLAR E O DESENVOLVIMENTO DA DIMENSÃO AFETIVA NA APRENDIZAGEM

Toda criança é bastante curiosa, demonstra agir com inteligência, pergunta, quer saber, observar, mexer, interagir com o outro para ir construindo-se como sujeito. Em todo esse processo, o afeto é regulador da ação. Afeto e cognição são inseparáveis, pois permitem construir noções sobre objeto, pessoa e situações. (Freire, 1999, p. 49)

“Um ato de aprendizagem é um ato de amor porque gera um ser parecido conosco, que chamamos de idêntico, não no sentido de identidade, mas no da identificação com ele” (Pain, 1992).

Quando a criança vem para a escola, ela sofre uma separação de seu primeiro grupo social (família) e passa a conviver com um novo grupo, onde precisa socializar-se, criando novos vínculos afetivos e sociais.

Por isso, destacamos a importância dos gestores escolares em estabelecerem relações com as crianças, pelo uso de diferentes canais. Vínculos entre criança/professor, colegas e os objetos de conhecimentos é possibilitado ou dificultado pelo afeto.

2.1 A importância dos gestores escolares no desenvolvimento da dimensão afetiva na aprendizagem

Referindo-me as ideias de Cassemiro Campos professor Universitário; Mestres e Doutorado em Educação que atua na Área de Formação de Professores e Gestores Escolares nos afirma que no atual contexto da educação brasileira temos o desafio da promoção da melhoria contínua das escolas e do desempenho acadêmico dos alunos. A docência por meio do ensino e da aprendizagem se constitui elemento complexo, pois o trabalho docente é um composto de saberes plurais e sincréticos, que formam pela dimensão mental, cognitiva, emocional e prática. Nesse sentido, os saberes docentes, fundamentados por uma racionalidade pedagógica, constituem o fundamento que se alicerça do processo da tomada de decisão. O professor é um gestor, do grupo, do conteúdo e da disciplina. A gestão da sala de

aula exige dele tomada de decisão. O processo decisório, fruto da gestão da sala de aula, faz surgir no campo da educação o perfil de gestor da escola. O gestor escolar nasce a partir da docência. Há um reconhecimento dos colegas que um bom professor pode tornar-se um bom gestor e para haver aprendizagem, deve haver uma dualidade afetiva.

A motivação para aprender surge à medida que a criança busca dominar algo como meio de satisfação de necessidades. Ser colocada em um ambiente que não lhe desperte medo, mas incentive a explorá-lo, ter sua atenção dirigida a aspectos significativos para si mesma são elementos que implicam no sucesso da criança na grande aventura de conhecer. Esse processo é coordenado pela inteligência, que representa a eficácia de um indivíduo em aprimorar ou construir conhecimentos novos. Nesse processo, o afeto é o dínamo, a energia, de forma que, quando um aluno não aprende um determinado conteúdo, deve haver interferência no afeto, pois no ensino-aprendizagem, transmite-se também o conteúdo emocional e não apenas o conteúdo formal. (Freire, 1999, p.70)

A motricidade, a afetividade, a inteligência e a cognição são faces de um mesmo processo de construção coletiva. (Freud, 1986, p.46)

A emoção é a base da aprendizagem, pois registra a mensagem e dirige ao organismo. (Freire, 1999, p.74)

De acordo com Vygotsky (1994, p.18).

a aprendizagem ocorre a partir de um intenso processo de interação social, através do qual o indivíduo vai internalizando os instrumentos culturais. Dessa maneira, pode-se supor que as experiências vivenciadas com outras pessoas é que vão determinar a qualidade do objeto internalizado e que tais experiências acumuladas, constituindo a história de vida de cada um, é que vão possibilitar a ressignificação individual do produto internalizado. Por isso os processos de significação estão diretamente ligados à atuação do elemento mediador.

Entendendo o professor como um dos mediadores em sala de aula, as interações entre ele e os alunos não se limitam apenas aos aspectos cognitivos, a afetividade sempre está presente nesse processo. Essas interações estão carregadas de afetividade e assim exercem influência na aprendizagem. Sendo assim, a relação professor/aluno é fundamental na construção de todo conhecimento, incluindo e relacionando com a leitura e escrita. Pois a atividade intelectual, que tem linguagem como um instrumento indispensável, depende do coletivo, podendo então dizer que a emoção está na origem da atividade intelectual. (Freire, 1999, p. 73)

Wallon (1996, P.30) afirma que a afetividade desempenha um papel fundamental na construção e funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais.

Maturana (1972, p.32) defende que o homem tem origem como um ser emocional, minimiza o papel da herança genética e salienta como fundamental no processo de desenvolvimento as interações sociais.

Wallon (1996, p.57) e Vygotsky (1995, p.89) aprofundam a visão psicológica que busca analisar o aspecto afetivo como constituição do sujeito e nas suas relações.

Tendo como base teórica esses autores, analisando os aspectos afetivos da interação professor/aluno na construção da escrita pelo aluno, sente-se a importância dimensão afetiva na aprendizagem, pois a criança em idade escolar está em construção e progresso intelectual e a afetividade possibilita esse avanço, pois são os motivos, necessidades, desejos que dirigem o interesse da criança para o conhecimento e conquista do mundo exterior. É, pois, importante observar e descrever como o professor utiliza-se do aspecto afetivo para promover o avanço cognitivo, já que a elaboração cognitiva funde-se na relação com o outro. (Wallon, 1996, p. 59)

Conforme Cunha (1988, p.18) A relação professor – aluno:

É permeada pela afetividade, uma vez que, conforme o tom com que fala o olhar que lança o gesto que esboça, a fala (do professor) adquire um valor determinado para o conjunto de alunos e, certamente, uma ressonância particular para alguns deles.

Desse modo, todo o contexto de sala de aula, a forma como o professor conduz a aula vai influenciar diretamente na aprendizagem da criança, pois a criança percebe até mesmo se o professor gosta de estar ali e de seus alunos. Se ela não se sentir bem na sala de aula, vai querer estar bem longe dali e vai estabelecer um vínculo negativo com a aprendizagem.

A comunicação é alimentada pelo afeto e a criança dessa idade escolar é bastante afetiva e sensível para perceber isso no ambiente escolar e sentir-se motivada para a aprendizagem. Ela precisa sentir-se segura e feliz nesse ambiente fazendo assim uma correlação entre emoção e inteligência. (Cunha, 1988, p.18)

A educação tem um importante papel, o de reeducar a pessoa humana, e esse é um ato de amor. (Cunha, 1988, p.20)

3. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA PESQUISA: PROCEDIMENTOS PARA INVESTIGAR A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM

3.1 Definindo a Pesquisa

O termo pesquisa significa, segundo o dicionário Aurélio (Ferreira, 1986), "indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade; investigação, inquirição". Além disso, também significa "investigação e estudo, minudentes e sistemáticos, com o fim de descobrir estabelecer fatos ou princípios relativos a um campo qualquer do conhecimento". Essas definições ajudam a compreender a pesquisa como uma ação de conhecimento da realidade, um processo de investigação minucioso e sistemático para conhecer a realidade, seja ela natural ou social. O importante aqui é compreender a pesquisa como um processo de produção de conhecimentos para compreensão de uma dada realidade, isto é conhecimentos que auxiliem na interpretação da realidade.

3.2 Pesquisa Bibliográfica

A pesquisa bibliográfica tem como principal característica o fato de que a fonte dos dados, o campo onde será feita a coleta dos dados, é a bibliografia especializada. Isso significa dizer que todas as modalidades de pesquisa exigem uma revisão bibliográfica, uma busca de conhecimentos sobre os fenômenos investigados na bibliografia especializada, mas somente pesquisa bibliográfica tem como campo de coleta de dados a bibliografia.

Na pesquisa bibliográfica, vamos buscar nos autores e obras selecionados os dados para a produção do conhecimento pretendido.

Na pesquisa bibliográfica embora seja uma modalidade muito particular de pesquisa, não vamos "ouvir" entrevistados nem observar situações vividas, mas "ouvir", conversar e debater com os autores através de seus escritos. Assim, a produção de conhecimentos que resulta do trabalho de investigação científica que toma a pesquisa bibliográfica como

modalidade não se reduz a uma apresentação das ideias de diferentes autores acerca do tema estudado e suas complementações, mas exige do pesquisador a produção de argumentações sobre o tema, interpretação própria, resultado de um estudo aprofundado do assunto, tema e problema de pesquisa. Concordar, discordar, discutir, problematizar os temas à luz das ideias dos autores lidos são procedimentos dessa modalidade de pesquisa. (Tozoni, 2008. p. 27).

3.3 Pesquisa de Campo

Essa modalidade de pesquisa como o próprio nome indica, tem a fonte de dados no “campo” em que ocorrem os fenômenos. No caso da pesquisa em Educação, o campo são os espaços educativos, mais apropriadamente, a escola e seus sujeitos. A pesquisa de campo em Educação, portanto, caracteriza-se pela ida do pesquisador ao campo, aos espaços educativos para coletas de dados, com objetivo de compreender os fenômenos que nele ocorrem e, pela análise e interpretação desses dados, contribuir, para a produção de conhecimentos, para a construção do saber educacional e o avanço dos processos educativos. (Tozoni 2006, p.27-30)

Nesta pesquisa os dados foram coletados através de um questionário. Esse instrumento de pesquisa consiste num conjunto de questões semi-estruturadas, procurando criar um clima espontâneo e descontraído para contribuir e atingir os objetivos do estudo em questão.

3.4 Local e Sujeitos da Pesquisa

Para um maior embasamento teórico a referida pesquisa foi realizada com professores de uma escola de turno integral do município de Soledade /RS, Alcides João Gradashi. Foi elaborado três questões sobre a Afetividade e sua Importância para a Aprendizagem, as mesmas foram respondidas por quatro professoras do currículo por atividades, sendo identificadas por letras de **A a D**.

4 ANALISANDO AS CONSEQUÊNCIAS DA AUSÊNCIA DO AFETO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E POSSÍVEIS INTERVENÇÕES

Neste capítulo será feita uma investigação sobre as causas da falta do afeto no desenvolvimento da criança e possíveis intervenções para ajudar a criança superar e preencher essa lacuna em seu desenvolvimento.

Segundo Wallon (1995, p. 69). Na psicogenética, a dimensão afetiva ocupa lugar central, desde a construção da pessoa até o conhecimento, iniciando num período denominado por ele impulso-emocional nos primeiros anos de vida, em que a afetividade é exclusivamente manifestação fisiológica da emoção, o ponto de partida do psiquismo. Sendo assim é vista como instrumento de sobrevivência típica da espécie humana. Não é por acaso que o choro do bebê atua de forma intensa sobre a mãe: função biológica que dá origem a um dos traços característicos da expressão emocional.

A atividade emocional é social e biológica pelo estado orgânico do ser.

Por sua função basicamente social explica o seu caráter contagioso, epidêmico. Este traço é frequentemente negligenciado, pois pertence ao campo obscuro em que se situam os limites entre a vida somática e a vida representativa, do que resulta grave prejuízo para a compreensão dos processos interpessoais, especialmente das interações entre criança e adultos. Sendo estes seres essencialmente emotivos, e trazendo a sua emoção a tendência forte, porque funcional, a se propagar, resulta daí que os adultos, no convívio com elas, estão permanentemente expostos ao contágio emocional. Isto pode ocorrer na direção da produção de uma emoção análoga ou complementar. A ansiedade infantil, por exemplo pode produzir no adulto próximo também angústia, ou irritação. Resistir a esta forte tendência implica conhecê-la, isto é, corticalizá-la, condição essencial para reverter o processo. (DANTA, p.88).

A presença do adulto deve gerar segurança física e emocional para seu desenvolvimento e aprendizagem, no que diz respeito à exploração do meio em que vive e dos objetos, construindo assim as funções mentais e sua personalidade.

Segundo Freud, (1986, p. 52) a criança não tem controle sobre as forças biológicas e sociais, é através da experiência que aprendem a lidar com elas, formando a sua personalidade.

O desenvolvimento da personalidade por um lado está determinado pelas mudanças maturacionais no corpo e por outro lado pelo tipo de relacionamento que a criança estabelece com adultos significativos do seu meio, em especial com o pai e a mãe.

Tanto a inteligência como a afetividade são mecanismos de adaptação. Permitem ao indivíduo construir noções sobre os objetos, as pessoas e as situações, conferindo-lhes atributos, qualidades e valores. Assim, contribuem para a construção do próprio sujeito, sua identidade e visão do mundo. O afeto é, por outro lado, um regulador da ação, influenciando na escolha de objetivos específicos e na valorização de determinados elementos, eventos ou situações pelo indivíduo.

Dessa forma, amor, ódio, tristeza, alegria ou medo levam o indivíduo a procurar – ou a evitar – certas pessoas ou experiências. O afeto também inclui expressividade, comunicação. Manifestação tais como sorrisos, gritos, lágrimas, um olhar e um rosto apático, uma boca fechada e sobrancelhas cerradas indicam possíveis sentimentos de uma pessoa.

Com a intenção de verificar a teoria com a prática fez-se uma pesquisa de campo através de um questionário, onde professores responderam questões relacionadas com a afetividade e sua importância na aprendizagem, como vemos a seguir.

1-O que significa a afetividade para você?

Professora A coloca que a “Afetividade é um sentimento de carinho que demonstramos por alguém.”

Professora B diz que “É um sentimento entre as pessoas, é uma demonstração de amor e carinho entre os seres”.

Professora C fala que a “Afetividade é imprescindível para que realmente haja uma eficiente aprendizagem, pois segundo Paulo Freire só acontece ou se concretiza a aprendizagem com a afetividade. O amor é a base para acontecer o verdadeiro processo da aprendizagem”.

Professora D coloca que “É a demonstração de carinho e que na nossa profissão é algo indispensável no nosso cotidiano”.

As professoras **A**, **B** e **D** dizem que afetividade é um sentimento. Para Ferreira (1999, p. 62) afetividade significa: Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza. Segundo a teoria Walloniana a afetividade é o ponto de partida do desenvolvimento do indivíduo. (1981, P.48).

A professora **C** na verdade não disse o que significa aprendizagem pra ela, e sim que é necessária para a aprendizagem. Pois a responsabilidade amorosa do professor é sempre grande. A natureza de sua prática é formadora. A presença do professor é exemplar na sala de aula. E ninguém escapa ao juízo dos alunos. “E o pior juízo é o que considera o professor uma ausência na sala de aula” (Freire, 1999, p.73).

2-Como os gestores podem intervir para o desenvolvimento da dimensão afetiva na aprendizagem?

Professora A fala que “Uma criança triste, agressiva, sem vontade de aprender, pode perder o interesse em frequentar a escola pode ficar depressiva e com fobia.”.

Professora B acha que “A escola é um lugar de cumprir no âmbito da obrigatoriedade e não da complementaridade quanto ao compromisso de educar favorecendo a contribuição mútua entre a escola e a família, pois é compromisso da escola buscar a família e de aproximá-la através de propostas diversas sem se esquecer das riquezas e potencialidades e compromissos que os pais têm, pois eles também devem ter afeto com seus filhos para que eles possam melhorar no processo de aprendizagem. Essa interação escola X família desenvolverá sua auto-estima e a constituição de sua própria identidade.”

Professora C reconhece que “Os gestores escolares podem e devem contribuir para o desenvolvimento afetivo na aprendizagem, sendo presente através de pequenos gestos de carinho e dando atenção na acolhida dos envolvidos nesse processo, ou seja, serem receptivos e com a afetividade, proporcionando ações que venham a interagir família e toda comunidade escolar”.

Professora D responde dizendo: “Dando apoio e se envolvendo com toda a comunidade escolar, encontrando a melhor maneira de resolver os problemas que surgem”

De acordo com a resposta da professora **A** (Dallari, 1931, p.35) afirma que na criança os sentimentos ainda estão praticamente desvinculados da razão. Por esse motivo se revelam com mais facilidade e nitidez, reagindo favoravelmente a qualquer estímulo. Mas ao mesmo tempo sofrem com maior intensidade os impactos das agressões e repressões e se forem sufocados ou violentados isso acarretará dificuldades para o relacionamento humano da criança e poderá criar problemas muito graves para o desenvolvimento de sua personalidade.

Com relação à resposta da professora **C**, Wallon (1981) afirma que todo trabalho desenvolvido pelos gestores na escola depende do desenvolvimento afetivo. Esta relação afetiva trará enorme contribuição para a educação. Pois os gestores conscientes de seu papel de mediador da aprendizagem e, portanto, da sua responsabilidade nas relações que se

estabelecem no processo educativo, podem garantir a qualidade dessas relações e promover uma cultura de sucesso no seu trabalho. (Piaget, 1979, p. 38).

As professoras **B** e **D** concluíram de maneira diferente das professoras **A** e **C** referindo-se que a criança deverá sentir-se segura, acolhida e protegida por todos envolvidos no seu processo de aprendizagem, e para tanto é necessário que a família, comunidade e escola estejam sempre presentes. Nesse período, as relações familiares são de extrema importância para o crescimento e o desenvolvimento do homem, pois o meio é uma circunstância de modelagem e significação para o indivíduo. Aos poucos a diferenciação do meio social e suas mudanças passam a formar grupos que vão conquistando a afetividade de maneira diferenciada de si e dos outros, e conseqüentemente a base do seu próprio "eu". Mas essa formação de personalidade, segundo WALLON (1981), acontece de forma gradativa passando por um processo que percorrerá os estágios do desenvolvimento. Partindo dessa teoria, verificamos a real necessidade da participação de que todos estejam comprometidos, e com o mesmo objetivo, demonstrando afetividade para que a criança possa ter condições de desenvolver plenamente seu cognitivo. (Martinelli, 2001, p.114).

3- Quais as conseqüências da ausência de afeto na aprendizagem da criança em idade escolar?

Professora A relata que “O professor deve ser sensível procurando conhecer a criança, dialogando porque uma criança aprende melhor e mais depressa quando ela sente-se segura, querida e é ouvida”.

Professora B responde que “A escola é um espaço essencialmente de fonte de formação e socialização e a mesma deve construir momentos significativos para a criança com a interação entre as experiências escolares e não escolares para o bom desenvolvimento na escola, mas também não podemos excluir a participação da família, pois, a falta de afeto em interação pode causar algumas deficiências durante o seu desenvolvimento de aprendizagem, mas a escola pode manter vínculo de afetividade impondo sempre limites”.

Professora C diz que “A ausência de afetividade na aprendizagem da criança em idade escolar acarretará em graves conseqüências e deficiências em todas as etapas da vida”.

Professora D coloca que “Com a ausência da afetividade a criança é carente de afeto na infância e conseqüentemente na fase adulta, refletindo e ocasionado um adulto mal sucedido na vida e na sociedade”.

De acordo com a resposta da professora **B**, Chalita (2001, p. 17) é incisivo ao afirmar que “Por melhor que seja a escola, por mais bem preparados que sejam seus professores, nunca a escola vai suprir a carência deixada por uma família ausente”.

Ainda segundo o mesmo autor (2001, p.26) “A família é essencial para que a criança ganhe confiança, para que se sinta valorizada, para que se sinta assistida”.

Sem dúvida, boa parte do problema passa mesmo pela família ausente e desestruturada, abusando da autoridade de pais, confundindo pelo autoritarismo. Autoridade deve ser algo que se constrói, sendo inútil para a criança. Ameaças e castigos, ela precisa aprender desde cedo que existem direitos e deveres para todos, e que compreender a noção de limites é essencial para a convivência em grupo. (Chalita, 2001, p. 32).

Neste contexto a Escola é peça de uma engrenagem maior, conforme se conclui baseado na obra *A vida na Escola e a Escola da Vida* (Claudius Ceccon e outros) - “a maneira como a escola está organizada é o resultado da organização da sociedade em seu conjunto” (p. 80 e 85).

As professoras **C** e **D** dizem que quando falta o afeto necessário na fase infantil, a criança desenvolve-se com um *déficit* de amor que repercute em seu psiquismo provocando-lhe o surgimento de desequilíbrios na área da afetividade. Alguns casos de depressão na fase adulta, que escondem sentimentos de rejeição e abandono devido à baixa auto-estima da pessoa, são típicos da falta de atenção e carinho na infância. (Flavio, 2000, p. 20).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral que norteou a pesquisa foi: verificar como os gestores escolares podem contribuir para o desenvolvimento da formação afetiva influenciando positivamente a aprendizagem da criança.

Sendo que os objetivos específicos foram: refletir sobre a importância do desenvolvimento afetivo no período da infância em seus diferentes estágios; analisar a importância dos gestores escolares no desenvolvimento da dimensão afetiva para a aprendizagem; investigar quais as conseqüências da ausência do afeto no desenvolvimento da criança.

O problema que perpassou a referida investigação foi: a afetividade é fundamental para formação emocional e cognitiva?

Os dados obtidos junto aos professores sobre a afetividade e sua importância na aprendizagem possibilitou uma reflexão sobre a importância do referido assunto, onde concluímos que cada vez mais os gestores precisam se preparar para educar com amor, usar a delicadeza e o carinho para com as crianças, pois nem todas encontram isto em outro lugar, e é na escola que irão buscar o afeto. O professor que prioriza um trabalho com carinho e compreensão com certeza vai ter bons resultados, e vai combater a agressividade com a afetividade criando um clima de amizade e muita confiança, ocorrendo dessa forma a aprendizagem.

Penso que grandiosa e árdua é nossa Missão de Educadores, mas é gratificante, pois usando pitadas de amor diariamente no percurso da caminhada, atingiremos o objetivo que se pretende. Assim estaremos formando sujeitos para transformar a sociedade, construindo um mundo melhor, pois de acordo com Paulo Freire nesse processo afirma: A realidade social pode ser mudada, transformada, uma vez feita pelos homens para os homens pode ser mudada. (1982, p.39)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

AMORA, Soares. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 1ª Ed. São Paulo: Saraiva 1997.

BASTOS, Flavio criador intuitivo da Psicoterapia Interdimensional (PI) e psicanalista clínico. Outros cursos realizados: Terapia Regressiva Evolutiva, Psicoterapia Reencarnacionista, Terapia Floral, Eteriatria Quântica, Parapsicologia, Capacitação em Dependência Química, Hipnose e Auto-hipnose e Dimensão Espiritual na Psicologia e Psicoterapia. 2000.

BUHLER, Charlotte. **A Professora, o Aluno e seus Problemas**. Editora Fundo de Cultura. Rio: 1967 (adaptação do desenho original).

CALLIGARIS, Contardo. **O reino encantado chega ao fim**. Folha de S. Paulo, São Paulo: 24 julho. 1994. Caderno Mais, p. 6.

CAMPOS, Casemiro. **Formação de professores e gestores escolares**.

CECCON, Claudius. OLIVEIRA, Miguel Darcy de. OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **A Vida na Escola e a Escola da Vida**. P. 80 e 85.

CHALITA, Gabriel. **Educação a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2004.

CUNHA, Nylse Helena da Silva. **Brinquedo, desafio e descoberta**. Rio de Janeiro: FAE, 1988.

DALMO, Abreu Dallari. **Direitos da criança ao respeito**. São Paulo: Summus, 1986.

DANTAS, Heloysa. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. Porto Alegre: ARTMED. P. 85-97.

FERREIRA, Idalina; CALDAS, Sarah. **Atividades na Pré-escola**. São Paula: Saraiva 2002.

FREINET, C. **Pedagogia do bom senso**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREUD, Sigmund. **Publicações Pré Psicanalíticas e Esboços Inéditos**, 1986.

GALVÃO, Izabel. In: WALLON, Henri. **Uma Concepção Dialética de Desenvolvimento Infantil**. 3ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996, p. 57-76, 113 – 123.

INACÍO-FILHO, G.A. **Monografia na universidade**. Campinas: Papirus, 1995.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Serviço Social Identidade e Alienação**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 114.

MATURANA, H. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: 1972.

NOVA ESCOLA. **A afetividade Comanda os Movimentos**. Editora. SP, Set/90, p. 14.

PAIN Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1992.

PAULA, Ercília Maria Angelli T. de; MENDONÇA, Fernando Wolff. **Psicologia do desenvolvimento**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2007.

PIAGET, J. **A epistemologia genética/ Sabedoria e ilusões da filosofia/ Problemas de psicologia genética**. 2 ed. São Paulo: Abril, 1983. Traduções de Nathanael C. Caixeiro, Zilda Abujamra Daeir, Célia E. A. Di Piero.

_____. **Seis estudos de Psicologia**. Trad. Maria Alice D'Amorim. Rio de Janeiro: Forense, 1998.

REVISTA, Realidade, São Paulo ed. Abril, 1973.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia de Pesquisa**. Curitiba: IESDE Brasil S.A 2006. P. 128.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, H. **A Evolução psicológica da criança**. Lisboa: ed. 70.